

### **A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DO ENCONTRO COM A DIFERENÇA**

A despeito de reconhecer o pensamento sobre a Educação como forma de padronização e da escola como “histórica e tradicionalmente concebida para criar consensos, homogeneizar ritmos, valores e condutas” (Tura, 1999, p.98), minha trajetória pessoal me fez vivenciar o campo da Educação como possibilidade de constante intercâmbio, a instituição escolar enquanto espaço físico e simbólico de trocas – encontros e também inumeráveis desencontros.

No princípio, o encontro como a própria socialização fora da família, que, embora no meu caso tenha ocorrido em colégios particulares, ainda assim me pôs em contato com outras pessoas. Pessoas que, mesmo semelhantes em termos culturais mais amplos – nacionalidade, naturalidade, língua, classe social -, eram, necessariamente, diferentes de mim, posto que acredito na singularidade do indivíduo.

Mais tarde, já na faculdade (durante o curso de Comunicação Social na Universidade Federal da Bahia), como diálogo com indivíduos diferentes de mim não apenas por sua personalidade única, inigualável, mas por seus referenciais locais, de classe, gênero, idade, pertencimentos étnicos e culturais.

Por fim, nas andanças que empreendemos pelo mundo em busca do que parece um paradoxo: encontrar pessoas novas e descobrir a nós mesmos. A pós-graduação foi a ponte com colegas e professores de diversos estados brasileiros e mesmo de outros países, pessoas de formações muito ou nem tão distintas da minha, enquanto eu adentrava realidades novas, em outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a própria Educação, durante a especialização e o mestrado, respectivamente.

Por essas tantas coisas a Educação se mostrou, ao longo da minha vida, uma oportunidade única para reconhecer diferenças e, não raro, descobrir afinidades. Penso que não foi à toa o meu interesse em desenvolver uma pesquisa no campo da

Educação e, dentro dele, debruçar-me sobre a questão da Cultura. Nos últimos tempos, o conceito de cultura vem sendo trabalhado pelas mais diversas searas do conhecimento e, sem dúvida, diz respeito e permeia todas elas. Vivemos a época da “centralidade da cultura”, como descreveu Hall (1997). Mas, especialmente para a Educação, o problema urge, cutucando-nos a cada minuto em que pensamos sobre o mundo contemporâneo e acerca do propósito mesmo da escolarização formal.

Por mais progressista ou conservadora que seja uma instituição escolar, ela nos proporciona uma convivência com “o outro” – presencial, diga-se de passagem – que não é vista em nenhum outro campo da nossa experiência como indivíduos. É na escola que passamos a maior parte do nosso tempo, desde a infância até a idade adulta, e é lá, também, onde vivemos muitas das experiências formadoras e transformadoras da nossa personalidade.

Na minha breve pesquisa de campo, realizada durante o mestrado, pude observar, na prática e no cotidiano d’o *outro* (o professor e o aluno da escola pública), os meus próprios questionamentos como sujeito. A escola que visitei recebia alunos e alunas oriundos/as de todas as partes da cidade do Rio de Janeiro, do morro e do asfalto, dos municípios vizinhos, do Sul, Sudeste, Norte e Nordeste brasileiros. Tinha adolescentes, jovens, adultos e idosos. Agregava “brancos”, “pretos” e muitos “pardos”, em suas variadas gradações; um professor com mestrado na PUC e outro que se queixava da dificuldade em adquirir livros necessários à sua atualização e aprimoramento profissional. Isto sem falar de mim, “professora jornalista”, estranha entrando, sem muita apresentação, naquele universo vibrante, rico, contraditório, múltiplo. Sempre instigante.

A escola que visitei representou a metáfora do que vim procurar quando, num misto de urgência e hesitação, decidi me candidatar ao mestrado em Educação. Ainda influenciada pela leitura de Postman (2002), buscava orientação para pensar sobre o multiculturalismo em nossas salas de aula. Mas por que a sala de aula? Porque certamente, para mim, a escola é um lugar que não se pode furtar a pensar sobre a questão da cultura, das culturas, da Cultura. Um lugar onde diferenças, semelhanças e toda a sorte de intersecções identitárias vêm à tona mesmo sem convite, pelo simples fato de reunir tantas pessoas – hoje de todas as idades – sob o pretexto de

proporcionar a elas um futuro. E todos, alheios às diferenças, querem garantir seu direito a ter um.

.....

**Sobre o (a) autor (a):**

√ Irene Kalil: Jornalista e mestre em Educação [ProPEd/UERJ], membro do grupo de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura, do ProPEd/UERJ.